

Experiência da Luta:

Uma Marcha De Aprendizados

Isaura Isabel Conte¹
Cecília Margarida Bernardi²
Simoni Antunes Fernandes³

Resumo

Por meio deste artigo nos propomos a dialogar sobre a luta feminista e sua relação com a educação popular. Para tanto, fizemos a experiência, com observação participante, na 3ª Ação Internacional da Marcha Mundial de Mulheres, ocorrida em São Paulo, de 8 a 18 de março de 2010. Neste ensaio elucidamos aprendizados desde as contestações e contraordens das mulheres, as quais educam e se reeducam em Movimentos, afirmando protagonismo na luta social como forma de aprendizado. Para além disso, consideramos necessário trazer maiores esclarecimentos sobre o *feminismo*, no sentido de romper com estereótipos acerca do termo e, também, mostrar sua vinculação com a Educação Popular.

Palavras-chave: Lutas; Marcha Mundial de Mulheres; Aprendizados.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista CNPq. Militante do Movimento de Mulheres Camponesas e da Marcha Mundial de Mulheres. isauraconte@yahoo.com.br

² Mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Docente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), Militante da Marcha Mundial das Mulheres. genero-cecilia@ibest.com.br

³ Mestranda em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), e docente na mesma instituição, campus Santa Rosa. Militante da Marcha Mundial das Mulheres. simoniif@yahoo.com.br

**THE EXPERIENCE OF FIGHT:
a March of Learning**

Abstract

Through this article we propose to talk about the feminist fight and its relationship to popular education. For this, we did the experience, with participant observation at the 3rd International Action of the World March of Women, held in São Paulo, from 08 to 18 March 2010. This essay elucidated learning from the challenges and counter the women, who educate and reeducate themselves in movements, asserting leadership in the social fight as a way of learning. In addition, we consider necessary bring knowledge about *feminism* in order to break stereotypes about the term, and also show its connection with popular education.

Keywords: Fights. World March of Women. Learning.

“Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres”!

Este ensaio se propõe a refletir e dialogar a partir de uma experiência do campo de luta popular feminista no Brasil. Para tanto, serão trazidos alguns relatos significativos, à luz de contribuições teóricas do que foi a participação na 3ª Ação Internacional da Marcha Mundial de Mulheres (MMM), ocorrida no Estado de São Paulo entre os dias 8 e 18 de março de 2010.

A referida Marcha teve participação direta de cerca de 3 mil mulheres urbanas e camponesas de todos os Estados do Brasil, em que se juntaram analfabetas, doutoras, trabalhadoras, desempregadas, sindicalistas, feministas autônomas, militantes de diversos movimentos sociais mistos ou específicos, jovens, idosas, mulheres com deficiências, negras, índias, brancas e miscigenadas.

Para a escrita deste ensaio utilizamos como instrumentos de coleta de dados observações e registros, inclusive gravações durante o acontecimento da marcha, sendo as três autoras também marchantes. Além disso, realizamos momentos de reflexões coletivas para elencar e ressignificar elementos a serem evidenciados no texto. Trata-se, portanto, de um ensaio que provém da militância/ inserção política das autoras, o que nos leva a admitir e explicitar esse contexto do qual decorre a pesquisa.

Com base em nossas observações, desde já pontuamos que muitas companheiras foram sendo desestabilizadas desde o momento da saída de seus Estados para a Marcha, ao se depararem com outras mulheres que até então não conheciam. Para algumas a apreensão da primeira viagem longa, longe de seu mundo cotidiano, parecia ser ao mesmo tempo eufórico e angustiante. A euforia era perceptível no contato com o diferente, enquanto concepção nos diálogos que se estabeleciam nos ônibus, e a angústia, por vezes, era evidenciada na medida em que se tomava maior distância de casa em que fora deixado “o mundo atribuído às mulheres”.⁴

⁴ Neste caso, estamos nos referindo aos filhos(as), netos(as), afazeres, familiares, à produção no caso das camponesas, etc...

Com relação a nós autoras, vivíamos também as contradições, alegrias e desafios de sermos marchantes e de fazermos experiência de algo que até então não tínhamos realizado. Concluímos daí, que ficou evidente um encontro de mulheres que se identificavam por um feminismo em construção: ao mesmo tempo em que se percebia as diferenças entre camponesas, urbanas, faveladas, mulheres indígenas, negras, descendentes da imigração, miscigenadas, de diversas orientações sexuais, evidenciava-se que todas convergiam para um objetivo comum, ou seja, tentar romper com a ideia de inferioridade, culpa e submissão, enquanto sexo feminino.

Ao refletirmos desde nossa experiência, trazemos à baila e afirmamos o entrecruzamento entre o campo científico e popular, com destaque para a possibilidade de construção de uma ciência popular. Neste sentido, recorremos a Chassot (2003) quando este argumenta que a ciência popular é oriunda dos saberes populares que, por sua vez, são produzidos solidariamente, na maioria das vezes envolvendo empiria. Para complementar Fals Borda (1987), estudioso da educação popular, afirma que a ciência não é uma articulação própria e autônoma do conhecimento, senão uma produção cultural sujeita a atitudes, crenças e superstições, inclusive por parte dos cientistas.

Partindo dessas considerações, nos colocamos e nos expomos, como teóricas e militantes, ao desafio de elucidar e refletir a partir e, ao mesmo tempo, de dentro da dinamicidade do que foi a MMM 2010, na perspectiva de evidenciar um conhecimento prudente para uma vida decente, segundo argumentação de Boaventura de Sousa Santos (2006).

Inicialmente provocamos, então, para que pensemos em relações possíveis entre conhecimentos e experiências acumuladas das milhares de mulheres em marcha, imbuídas de espírito de luta, resistência, teimosias, afrontamentos e autoconfrontação. Indagamos ainda: De que forma as mulheres na MMM constroem conhecimentos e lidam com as ciências nos seus cotidianos, muitas delas desde o universo das panelas, se negando a ele e indo para além dele?

Neste sentido, palavras de ordem como “*João, João, cozinhe seu feijão*”! “*José, José, cozinhe se quiser*”! “*Zeca, Zeca, lave sua cueca*”, criadas ao longo da marcha extenuante e desafiadora e ditas por elas durante os quilômetros de caminhadas, contagiava a todas e auxiliava na percepção da força do coletivo que desafiava, desestabilizava e aprendia, umas com a experiência e ousadia das outras. Assim, “uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” (Freire, 1996, p. 28).

Cabe ainda ressaltar que a ação da MMM de março de 2010 não foi e não é uma casualidade, pois ela é construída por milhares de militantes em seus cotidianos nos mais variados espaços em que as mulheres se encontram. E não se trata de quaisquer mulheres: elas têm construído possibilidades de mudanças nas relações de gênero, de classe e raça/etnia, pois afirmam que querem *mudar o mundo para mudar a vida das mulheres para mudar o mundo*.⁵

Diante disso, se há uma camada social ou mais camadas sociais dizendo que é preciso mudar o mundo, contestando aspectos da sociedade capitalista e patriarcal,⁶ visivelmente estão inconformadas (os) com a situação em que vivem ou a que são submetidas (os), por isto se põem e estão em luta.

Ao que a MMM se propõe como plataformas políticas de ação desde seu surgimento no ano 2000, vem a contrapor a hegemonia dominante do capital e do patriarcado, entendido como opressor e violentador das mulheres e da humanidade e, em contrapartida propõe o feminismo. Constitui-se como movimento

⁵ Frase da Marcha Mundial de Mulheres retirada do jornal da 3ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres – Brasil, nº 1. Publicação da Marcha Mundial das Mulheres. Secretaria Executiva – SOF – Sempre Viva Organização Feminista. São Paulo, março de 2010.

⁶ Do patriarcalismo ou patriarcado. Segundo Castells (2002), o patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas e se caracteriza pela autoridade imposta institucionalmente do homem sobre a mulher e os filhos desde o âmbito familiar. Dessa forma, ele permeia toda a organização da sociedade: produção, consumo, política, legislação, cultura, etc.

social com atuação mundial, e, nesse sentido, Martins (1989) argumenta que os movimentos sociais apontam sempre sintomas da sociedade, quer no sentido transformador ou conservador do estabelecido como ordem.

Em se tratando do feminismo, conceitualmente, Gebara (2002) explicita que se trata de um movimento político pela emancipação da humanidade, o que dialoga com o já dito por Marx e Engels (1977) quando afirmam que até que a metade da população ande atrás da outra metade, não será possível a humanização.

Ainda com relação ao feminismo, defendido, apreendido e estando em construção, conforme percepções na terceira ação internacional em São Paulo, Muraro (2002) argumenta que os movimentos feministas reivindicam a supressão do patriarcado, algo mais profundo e antigo do que a sociedade de classes. Diante disso, este se constituiu no grande desafio da MMM, além da ação realizada, nas ações cotidianas das mulheres que estiveram nela.

Um Lugar para a Educação Popular na Marcha Mundial das Mulheres

Vamos seguir lutando com o povo
Vamos construir um mundo novo
Contra a violência e o machismo
Contra a pobreza e o capitalismo
Livres ou mortas, jamais escravas...

No Brasil, como nos demais países empobrecidos, os rumos dados ao chamado projeto de desenvolvimento encontra-se com profundas lacunas. De um lado, é anunciado que o país é a 6ª economia do mundo, e de outro, por contradição, segue a desigualdade social gritante, segundo Bacelar (2011).

As desigualdades, contudo, ficam explícitas, segundo o que é divulgado pela Sempreviva Organização Feminista⁷ (2005), quando mostra que 70% dos miseráveis do mundo são mulheres e crianças, sendo as negras a grande maioria, o que é corroborado por Mészáros (2002). Além disso, a SOF declara que são as mulheres as que mais sofrem violência e estão expostas a ela, o que era também sentido e explicitado na Marcha, e diante disso é que se refletiu durante todo o processo, sendo que as plataformas evidenciavam a necessidade de construção de alternativas, de transformação, pois marchávamos contra a pobreza, contra as guerras, pela paz e desmilitarização.

Conforme já apontaram algumas teorias e, de forma especial o marxismo, a sociedade educa, ou deseduca os sujeitos, dependendo do âmbito que se analisa. Freire (1987) chamaria de processo de humanização ou *ser mais*, ou, desumanização e *ser menos* e, desse modo, queremos salientar, a partir de ter experienciado a MMM, seu caráter educativo no sentido de aprendizados individuais e coletivos.

Os aprendizados se davam em todos os momentos, desde ouvir e passar a dizer as palavras de ordem, ou melhor, de contraordem, aos momentos de estudo e caminhadas. Talvez o aprendizado ou reaprendizado maior para muitas mulheres foi o exercício da solidariedade para que se garantisse a caminhada. Neste sentido, vale ressaltar desde o trabalho na cozinha, na distribuição de marmitas, de lanches e de água desde a divisão destes, bem como a partilha de espaço para dormir ou se alojar, carregar sacolas, recolher pertences e ajudar a quem apresentava dificuldade de locomoção ou algum problema de saúde.

Entre uma gama de movimentos mundiais contrários às relações alicerçadas no capitalismo, inscreve-se a Marcha Mundial de Mulheres, e trata-se de um coletivo organizado na tentativa de resoluções de questões comuns às mulheres. De um lado, ela visa a ser espaço de aglutinação dos mais variados setores feministas e, por outro modo, constitui-se sujeito educativo com as ferramentas da educação popular. Neste espaço, discute-se alternativas para

⁷ SOF (2005).

uma nova forma de relação entre humanos e com a natureza, em uma dimensão pedagógica de transformação social (MMM, 2010). Para contribuir na reflexão, Paludo argumenta:

O momento atual, embora se encontre em um estágio aquém do desejado por alguns, e de forma ainda confusa, abre possibilidades e espaços concretos da afirmação de novos referenciais, capazes de nortear a práxis de milhares de lutadores e pensadores, na busca do aprofundamento da democracia e da construção de uma forma alternativa de sociabilidade humana, de um novo projeto de sociedade (2001, p. 106).

Da forma colorida e chamativa que é a Marcha, de certa maneira, de um jeito diferente ao que estávamos acostumadas a fazer a luta, se ousava falar e vivenciar aquilo que pode ser considerado perspectiva de novo projeto de sociedade. Não por acaso durante a ação, à tarde após marchar, nos alimentarmos e descansarmos, em forma de oficinas discutíamos desde a prostituição, à educação, sexismo, racismo, lesbofobia, ecologia, soberania alimentar e energética, entre outros temas.

Nos debates e diálogos ficava evidente a compreensão do momento atual, em que a violência do capital e as consequentes práticas discriminatórias levam os movimentos populares a se organizarem em espaços de luta coletiva, em busca de alternativas. Os desafios de constituir uma marcha múltipla de movimentos de mulheres esbarrava desde sua construção na divisão sexual do trabalho, constituída na sociedade.

Em nossas observações percebemos que organizar um evento desta natureza, contando somente com as mulheres, desafiava inclusive muitos parceiros de luta, pois a divisão sexual do trabalho denomina o espaço público e organizativo como naturalmente masculino e utiliza o princípio da separação – trabalhos de homens e de mulheres –, segundo Kergoat (2009). Esta separação marca as relações sociais e familiares, além do trabalho em si.

Assim, romper materialmente e de maneira simbólica, ao realizar uma ação deste porte, desafiava a todas que se encontravam naquela caminhada. Superar o machismo, também perpassado pelas próprias mulheres saía da re-

tórica, e as simples palavras de ordem passavam a refletir a complexidade da caminhada e as reflexões coletivas e individuais das marchantes. As mulheres organizaram e viveram a ação internacional de 2010, caminharam e construíram educação popular e feminismo.

A voz da 3ª Ação Internacional da Marcha Mundial de Mulheres 2010 colocou em pauta com a sociedade, a possibilidade de modificação das relações humanas na perspectiva da humanização. Converte aí uma das principais pautas da educação popular argumentada por Paludo (2001), que tem como prática a contra-hegemonia, buscando a emancipação e a humanização.

Constatou-se, entretanto, que não foram poucos os diálogos e reflexões acerca do feminismo e da educação popular, e, nesse sentido, Eggert (2002, p. 85) esclarece que “a educação popular vinda de outros lugares também abre espaços de produção de conhecimentos com posturas metodológicas comprometidas com as margens do saber popular e, nisso feminismo e educação popular se tocam”.

Acima de tudo, percebemos e vivemos momentos em que se rompia com as margens estabelecidas do que fora “lugar de mulher” e de não poder dessas mulheres, pois elas já não pediam licença para passar, interrompendo avenidas movimentadas de São Paulo. Elas diziam nas palavras de ordem “eu vou passar, eu vou passar, sou feminista, não posso negar”, e cantando a toda voz, cada dia de marcha estando sob comando de mulheres de um Estado, seguiam confiantes e desafiadoras.

A Construção do Feminismo Popular: entre as novas práticas e as contradições

No ano 2000, a Marcha Mundial das Mulheres foi constituída como um movimento feminista internacional, em uma campanha que reuniu mais de 5 mil grupos de mulheres de 159 países e territórios em ações contra a pobreza

e a violência sexista. Esta ação proporcionou o encontro e a retomada de um feminismo que passou a ser denominado em 2010 como popular, ao praticar e alimentar a reflexão na luta contra a pobreza e a violência sexista.

A partir desta campanha as mulheres de vários movimentos organizados decidiram dar continuidade à Marcha como um movimento permanente de debate e luta por uma plataforma feminista comum a muitos movimentos de mulheres no mundo todo. As mulheres, sentindo as mais variadas formas de opressão e exploração, começaram a partir de então a se organizar para dizer suas palavras e realizar ações de contraordem simbólica e material. Neste aspecto Bourdieu contribui enfatizando:

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (1989, p. 15).

Se dentro da normalidade capitalista que exclui e mata há uma ordem, as mulheres em vários países, em marcha em 2010, causaram e causam des-ordem. Palavras ditas e repetidas em várias circunstâncias podem ser trazidas como exemplo: *Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres!*

O fato da MMM ação 2010 se tornar visível e visibilizada entrando em dez cidades de São Paulo parecia incomodar e desacomodar muitas pessoas, que com coragem aplaudiam e respondiam, repetiam as novas palavras de contraordem. Talvez sentissem, aquelas pessoas, a força do coletivo colorido que passava e causava impacto, auxiliadas por faixas, bandeiras, cartazes e batucada⁸.

Para contextualizar e mostrar que a ação 2010 foi uma continuidade do que veio sendo construído desde 2000, em 2005 foi realizada a segunda ação internacional. Esta mobilização foi construída com a participação de vários

⁸ Batucada feminista é uma forma de expressão livre inventada pelas jovens da Marcha. Elas criam seus instrumentos de som/batuque e desenvolvem maneiras de expressar sua arte cantando, batucando e debatendo. Ao promover a livre-expressão dos corpos e mentes, as jovens ressignificam maneiras de debater, apreender e de se posicionar como feministas, com muita alegria.

países e movimentos que se aglutinavam e somavam força na organização. Nesta ação, como forma de mobilização e diálogo, foi elaborada a milhares de mãos e mentes a Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade⁹. Esta carta foi expressão de um feminismo que, na sua pretensão se propunha a conquistar e construir liberdade, igualdade, empoderamento e autonomia.

Na ação de 2005 foram percorridos 50 países em cidades grandes e pequenas estabelecendo o debate, fazendo protestos e denunciando a violência contra as mulheres, em cada lugar por onde passava a Carta. Concomitantemente foi sendo construída uma colcha de retalhos, a qual foi finalizada e entregue no país mais pobre do mundo, Burkina Faso. No Brasil a Carta saiu de São Paulo e passou por Porto Xavier, no Rio Grande do Sul, juntando milhares de militantes e dezenas de organizações femininas e feministas, bem como mulheres de movimentos mistos.

Constata-se atualmente que a construção da Carta Mundial para a Humanidade proposta pela Marcha Mundial das Mulheres, foi um processo que envolveu grupos de mulheres de todo o mundo e no qual construía-se “linhas políticas comuns e coletivas e, além disso, uma identidade que já se expressa nas ações e na vontade de transformar o mundo” (Extrato da Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade, 2005).

Podemos afirmar que a elaboração coletiva e coletivizada da Carta consolidou a plataforma mundial da Marcha Mundial das Mulheres, por igualdade, liberdade, solidariedade, justiça e paz e ampliou as mobilizações mundiais, criando uma identificação, ou uma mística em torno de si. Avaliou-se, em debates nos países, que as mulheres fizeram um exercício de muitas falas, de se fazer ouvir, de serem também solidárias com mulheres em extrema situação de violência em outros países que não os seus. Aos poucos e nem tão devagar

⁹ Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade é uma construção coletiva de vários movimentos sociais feministas do mundo que, somados, unificam suas plataformas de lutas e as reúnem na Marcha Mundial das Mulheres.

a MMM foi construindo aquilo que Castells (2002) chama de identidade de resistência e de projeto. Elas resistem ao mesmo tempo em que contrapõem, denunciam e fazem exigências.

Nesta construção de identidade própria, a Marcha se consolida como um Movimento para construir outro mundo, onde a exploração, a opressão, a intolerância e as exclusões não existam mais; onde a integridade, a diversidade, os direitos e liberdades de todas e todos sejam respeitados. Este mundo se baseia nos valores de igualdade, liberdade, solidariedade, paz e justiça (Extrato da Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade, 2005).

No período de 2005 a 2010 foram sendo ampliadas as lutas e os debates entre os movimentos participantes da marcha e esta foi se constituindo uma articulação de mulheres dentro de movimentos sociais e organizações sindicais mistos. Também, foram se fortalecendo vínculos entre os movimentos de mulheres autônomos e mistos, expresso pela construção de um feminismo que pode ser dito popular, ainda que haja o desafio de estudo e elaboração sobre ele, contudo, este é um dos primeiros esforços.

A ação de 2010 foi proposta para marchar no coração do capitalismo no Brasil e construir lutas, denúncias, mas acima de tudo solidariedade. Marchar por 10 dias, 100 quilômetros de Campinas a São Paulo, na Avenida Anhanguera, e o Movimento se responsabilizar pela infraestrutura, pela alimentação, alojamento, aprofundamento dos debates, saúde das mulheres, enfim, pelas vivências construídas e dinamizadas, foi desafiador.

De um lado, se exigiam respostas rápidas diante das urgências e, de outro, afloravam as contradições dos seres humanos que ali estavam expostas a si e as outras e outros que passavam. Desse modo, foi sendo construído um processo fortalecido de educação popular, o qual possibilitou a consolidação de uma expressão feminista que realiza ações coletivas de massa e, ao mesmo tempo, com alegria e colorido realizava e organizava reflexões e processos formativos.

O então feminismo popular procurou durante a Marcha fortalecer a auto-organização das mulheres, desde a forma criativa de construir a plataforma e ações desde a superação da divisão sexual do trabalho, do racismo, do antilesbianismo, ao passo que apontava para a construção de um mundo de solidariedade e de liberdade para todas e todos.

A ação de 2010, conforme vivenciada e experienciada por nós, fez aflorar contradições, o que acontece quando se tem heterogeneidade num coletivo e, acima de tudo, diferenças e diferentes identidades. Uma delas que pode ser mencionada é o fato de a MMM ser um Movimento e nele estarem outros Movimentos, inclusive mistos, com suas identidades, como o MST, MMC, MAB, MPA, MCP, MMTR NE,¹⁰ Movimentos de bairros e favelas, de pastorais sociais, ONGs, entre outros.

Nesse sentido, uma das contradições que se evidenciava era entre o particular, entendendo seu Movimento de origem dentro de algo maior, no caso a MMM. De repente, se ver carregando outra bandeira, sem deixar a sua. Imagina-se o grande aprendizado, senão o choque, em assumir uma bandeira das mulheres lésbicas não sendo lésbica, do movimento negro sem ser negra, e assim por diante.

Na ação de 2010, além da caminhada, que era realizada pela manhã, e do aprendizado de viver e gerir este coletivo andante, a MMM organizou durante as tardes vários debates sobre alguns dos temas que constroem e consolidam a luta feminista. O resultado deste processo de marcha foi um intenso praticar e aprofundar teoricamente temas que afetam a vida individual e coletiva das mulheres.

Observou-se que foram espaços, acima de tudo, em que todas as mulheres podiam dizer o que pensavam, sem constrangimento, discordando, questionando e aprofundando concepções. A riqueza, pelo fato da diversidade das represen-

¹⁰ Trata-se do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; Movimento de Mulheres Camponesas; Movimento dos Atingidos por Barragens; Movimento dos Pequenos Agricultores; Movimento Consulta Popular; Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste.

tações de todos os Estados do Brasil, com suas particularidades, foi ímpar. Percebia-se que a teoria e a prática foram confrontadas por meio do exercício de viver com os limites impostos da própria caminhada.

A alimentação era preparada por uma equipe de mulheres e enviada em marmitas de metal para os acampamentos. Um grupo de mulheres de cada Estado fazia rotatividade nas atividades, como lavar em torno de 4 mil marmitas por dia, além das enormes panelas. Como estivemos na equipe do trabalho da cozinha em um dos dias, verificamos que em torno das marmitas se estabeleceu o conflito/contradição da segurança e soberania alimentar. Havia muita indignação pela “sobra” de alimentos da parte de quem as limpava. “*Muitas de nós não temos o que comer e vamos colocar comida fora?*” era a pergunta. Havia esforço de reaproveitamento de alimentos na cozinha, mas procurando ter segurança quanto à conservação da comida naqueles dias de intenso calor, não era possível reenviar marmitas que sobravam novamente às marchantes. Os debates se davam entre o sagrado do alimento por parte de quem não o tinha suficiente no seu cotidiano e o desperdício, entre alimentar e sobrar.

Podemos registrar, a partir de observações e, de nossas próprias vivências no coletivo, que este exercício de singularidades e de protagonismo acompanhou a marcha do início ao final. O esforço individual e coletivo em construir a solidariedade, com alegria e luta foi um marco muito forte da ação de 2010. Mesmo não gostando de ter de estar num trabalho penoso como na cozinha, o entendimento que “*estou fazendo isto para viabilizar a continuidade da marcha*” prevalecia e o entusiasmo era recobrado diante do cansaço.

Cabe aqui salientar a diferença conceitual entre singularidade e individualismo, pois de acordo com Guattari e Rolnik (2005), a singularidade articula todos os elementos do sujeito como sentimentos, desejos, atitudes, enfim, a forma como o sujeito se coloca diante do mundo. Esta forma é singular, própria de cada um. Percebe-se assim, que o conceito de singularidade difere do individualismo que trata do não reconhecimento e/ou anulação do outro, de um narcisismo exacerbado.

Na Marcha estes dois conceitos puderam ser vislumbrados quando uma das mulheres, agricultora do Piauí, expressou o seguinte em relação às marmittas: “*O que eu gosto é que todas as marmittas são iguais, nas marmittas todas nós somos iguais*”. Esta fala destaca que entre eu e o outro não há distância na forma de comer, ou ao menos aqui, nas marmittas, somos iguais, apesar de tanta diversidade e diferenças.

Da mesma forma, apareciam e se reconhecia traços da singularidade de cada uma das mulheres em todos os espaços da Marcha. As diferentes formas de expressões subjetivas se evidenciaram nas variadas formas de vestir, de falar, de expressões culturais, do artesanato característico de cada região do país, enfim, nestes diferentes traços singulares que uniram em um coletivo centenas de mulheres, cada qual com suas especificidades. Tratava-se de um espaço plural, mas não individualista, apesar de terem aparecido contradições.

Aflorando as contradições, elas serviam de elementos para a reflexão crítica e solidária das marchantes em coletivo, na construção cotidiana de um mundo em que ocorriam momentos singulares que iam consolidando as mulheres a partir da “subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências” (Freire, 1996, p. 77).

Outro momento que evidenciava um espaço para o singular foram as plenárias. Nestes espaços era possível falar e ser ouvida. A palavra circulando faz desta luta uma ação democrática que reconhece as singularidades presentes no coletivo, sem confundi-las com individualismo, motor-chave do capitalismo. Diante deste aspecto, se recorre a Freire (1987, p. 19), que diz “a palavra abre a consciência para o mundo das consciências, em diálogo”.

Um grande desafio do coletivo vivido naqueles dias referia-se à dificuldade do reconhecimento de que embora sejamos plurais, nos identificamos em questões comuns a todas, por exemplo no caso das violências. Aí aparecem as diferentes contradições que também fizeram parte da Marcha.

As mulheres têm enorme dificuldade de se reconhecerem presas de uma dificuldade patogênica comum... Pois a sociedade as arremessa sem cessar para o individual, para o biológico, mas também porque elas não se reconhecem no grupo sexuado. Elas têm, portanto, enquanto mulheres, enorme dificuldade de possuir posturas defensivas comuns que desemboquem em práticas coletivas (Hirata, 1999, p. 34).

Esta contradição entre o individual, o coletivo, a teoria e a prática cotidiana, entre o se identificar ou não na dor e no sofrimento da outra, ocorreu de forma sistemática na ação de 2010. Ainda que a solidariedade vigorasse em grande medida, havia alguma dificuldade de exercê-la de forma prática. O machismo se expressava em detalhes de algumas ações e eram muito interessantes os momentos em que as mulheres se confrontavam com seus limites.

Algumas considerações do colorido que foi a Marcha – Ação 2010

Acima de tudo, como síntese de nossas observações, podemos afirmar que *Ninguém saiu igual como chegou na marcha*, pois o coletivo empurrava para o que Freire¹¹ chama de “ser mais”. Se ninguém saiu igual é porque houve conhecimento, mudanças diversas, e pode-se dizer que não se tratava de conhecimentos superficiais, pois foram produzidos e vivenciados. Eles tocaram, chocaram, fizeram aflorar contradições e, dialeticamente refletidos, produziram avanços. Conhecimentos esses construídos em processo desde a preparação nos Estados, durante cada ação da caminhada gerados e geradores de transformação pessoal e coletiva, “no estar sendo, com responsabilidade ética, ter decisão e estabelecer as rupturas e opções que os tornem sujeitos da própria história, e não apenas objeto dela” (Freire, 2000, p. 49).

¹¹ Op. cit.

A intensa vivência dos princípios do feminismo, intencionalmente ou não, fazia com que ocorressem aprendizados e transformações em todos os momentos e, assim permitia realizar experiências possibilitando articular profundamente a educação popular e o feminismo, pois ambos articulam-se e convergem na busca e nas rupturas pela transformação.

Teoricamente, Brandão e Assumpção ao se referirem à educação popular, destacam que ela

se realiza em todas as situações em que, a partir da reflexão sobre a prática de movimentos sociais e movimentos populares (as “escolas” em que tem sentido a educação popular) as pessoas trocam experiências, recebem informações, criticam ações e situações, aprendem e se instrumentalizam. A educação popular não é uma atividade pedagógica *para*, mas um trabalho coletivo em si mesmo, ou seja, é o momento em que a vivência do *saber compartilhado* cria a experiência do *poder compartilhado* (2009, p. 35, grifos dos autores).

Por outro lado, foi muito emocionante acompanhar momentos em que as mulheres se davam conta da importância de seu papel na construção coletiva da marcha, quando as equipes escolhiam feijão, cortavam legumes, enfim, preparavam a comida, fechavam as marmitas cantando, por exemplo. Era explicitada a dureza daquele trabalho extenuante de cozinhar, lavar, caminhar, mas também elas estabeleciam relações entre si e vivenciavam com as outras problemas ou soluções de situações complexas que as envolviam.

Percebemos que eram estabelecidos aprendizados pela prática, ao passo que aconteciam a todo instante reflexões em pequenos grupos informais, além de reuniões das mais variadas equipes para que a marcha acontecesse cotidianamente. Algumas ou muitas mulheres se faziam lideranças rapidamente ao ter de assumir o comando, mesmo que de um pequeno grupo diante das situações de imprevisto.

Helena Hirata,¹² em um dos momentos de formação na tarde do dia 11/3/2010, levantava a seguinte reflexão: Quanto maior a violência, maior a vulnerabilidade, maior a dependência e menor a autonomia econômica e social das mulheres. Então, para diminuir a violência é preciso aumentar a autonomia econômica, e, juntamente com ela, construir processos de emancipação enquanto sexo feminino.

Na continuidade, afirmava ainda que a emancipação das mulheres pelo trabalho se dá de forma coletiva, por meio de movimento organizado com plataforma de lutas definida, para poder confrontar a opressão, a exploração e a dominação e mudar as relações sociais pautadas em exploração capitalista, machista e racista. Enfatizava ela que a Marcha Mundial das Mulheres é um destes movimentos que está fazendo a diferença, pelo fato de ir gerando e gerindo experiências entre mulheres, em que uma se fortalece na outra.

Construir coletivos neste momento em que cada vez mais o apelo ao individualismo é gritante, significa remar contra a maré, no entanto o que podemos perceber é que há muitas mulheres dispostas a isto. Em um mundo baseado nas relações burocráticas, permeadas pelo capitalismo, todos os compromissos de trabalho nas instituições e organizações são intermediados por uma série de documentos, uma vez que, na interpretação de Sennett (2006), o que vale está firmado em papel, desconsidera o sujeito que dele faz parte, e as relações humanas intermediadas pela palavra não se sustentam.

Com base no autor, enfatizamos que o movimento realizado na Marcha, nesses dias em que ocorreu a ação, foi baseado bem mais na realização de trabalhos sustentados por palavras e compromissos do que por burocratismos, e assim revela-se ou retoma-se outra forma de relação, e por consequência, de resistência. Ficou evidente, segundo observações do cotidiano, que o compromis-

¹² Helena Hirata é socióloga, especializada em comparações internacionais do trabalho e das relações de gênero. É pesquisadora do Genre et Rapports Sociaux (Gers) do Centre National de La Recherche Scientifique, na França. Juntamente com Danièle Kergoat, criou o conceito de Divisão Sexual do Trabalho.

so é com a solidariedade, com a sustentação e manutenção de um coletivo, em que ninguém assinou nada e não recebeu dinheiro para isso. O valor da palavra, quase esquecido no contexto contemporâneo, teve sua primazia na Marcha.

Outro aspecto importante a sublinhar refere-se à forma de organização dos dez dias em que a Marcha aconteceu. Cada uma das mulheres estava implicada e comprometida com alguma tarefa necessária para o funcionamento das atividades e, daí os aprendizados e as novas relações se estabeleciam. Elas geriam e avaliavam todos os dias, a partir das necessidades colocadas, e aquelas que já possuíam maior experiência auxiliavam as demais em todas as tarefas.

As equipes de trabalho organizaram-se em torno da infraestrutura de cada cidade por onde a Marcha passou, no envio e recebimento da bagagem das marchantes, na distribuição de água durante as caminhadas, no cuidado com a saúde de cada mulher, na garantia de uma estrutura para acolher e cuidar dos filhos das marchantes que foram junto, na cozinha fixa na qual se produzia todo o alimento consumido na marcha, na distribuição destes alimentos nos acampamentos, na organização das oficinas de formação e na divulgação das ações da Marcha para os meios de comunicação. Estas equipes foram integradas por mulheres dos diferentes Estados do país, com algumas fixas nas tarefas, outras rotativas. Este trabalho foi construído em torno do compromisso via palavra com a própria ideia da marcha.

Neste construir o todo dando viabilidade a um mar colorido de marchantes com suas bandeiras, o trabalho voluntário foi um eixo condutor. De outra maneira, não era qualquer trabalho, ele visava à sustentabilidade do planeta. Por isso não tivemos marmitas descartáveis e consumíamos alimentos produzidos por assentados da Reforma Agrária e de Atingidos por Barragens, feitos no espaço de uma cozinha de uma cooperativa de trabalho urbana.

Imaginamos que talvez uma das maiores contradições e também potencialidades colocadas foi do ponto de vista das identidades, pois ali a diversidade, seja de movimentos diferentes, seja de raça/etnia ou de orientação sexual, convergia para um mesmo objetivo, que era e é a libertação de todas as mulheres

de qualquer tipo de opressão, discriminação e exploração. Cada uma, contudo, teve um processo diferente de aprendizado conforme aquilo que conseguia lhe soar e lhe fazer sentir de forma mais profunda, desde: processos de formação e diálogos nas palestras, aos momentos de caminhada ou descanso com as demais companheiras, ou mesmo na divisão de espaços coletivos de cozinhas, chuveiros, sombra das árvores, etc.

A ação realizada pelas marchantes, e tantas outras que não puderam estar lá, as quais ficaram dando suporte nos Estados, desde fazer arrecadação de alimentos e dinheiro para pagar a viagem, nos leva a crer que uma outra globalização é possível, conforme salienta Milton Santos (2001). Há muito aprendizado e solidariedade para globalizar a partir das mulheres em Movimento.

Referências

BACELAR, Tânia. *As Políticas Públicas no Brasil: heranças, tendências e desafios*. Disponível em: <<http://franciscoqueiroz.com.br/portal/phocadownload/gestao/taniabacelar.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. *Cultura rebelde*. Escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico: memória e sociedade*. Tradução Fernando Tomaz. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHASSOT, Attico. *Alfabetização científica*. Questões e desafios para a educação. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

EGGERT, Edla. Refletir a educação popular a partir da teologia feminista. In: GONSALES, Elisa Pereira (Org.). *Educação e grupos populares: temas (re) correntes*. Campinas, São Paulo: Alínea, 2002.

FALS BORDA, Orlando. Encuentro de instituciones uruguayas con Orlando Fals Borda. In: INSTITUTO DEL HOMBRE. *Investigación participativa*. 2. ed. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental SRL, 1987. p. 9-30.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 4. reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 32. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GEBARA, Ivone. *Cultura e relações de gênero*. São Paulo: Cepis, 2002.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

HIRATA, Helena; DOARÉ, Hélène Le. Os Paradoxos da Globalização. In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Org.). *O Trabalho das Mulheres: Tendências Contraditórias*. São Paulo: SOF, 1999.

HIRATA, Helena. Trabalho das mulheres e autonomia econômica. Palestra proferida na 3ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres em Louveira/ São Paulo, gravada em 11/3/2010.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: *Dicionário Crítico do Feminismo*. Tradução de Vivian Aranha Saboia. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). São Paulo: Unesp, 2009.

MMM – MARCHA MUNDIAL DE MULHERES. Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade. Disponível na Secretaria Internacional da Marcha Mundial das Mulheres. SOF. São Paulo. São Paulo. Documento impresso, 2005.

MMM – MARCHA MUNDIAL DE MULHERES. Plataforma de Ação 2010. Disponível em <<http://www.sof.org.br/acao2010>>. Acesso em 10 abr. 2010.

MARTINS, José de Souza. *Caminhada no chão da noite*. Emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo. São Paulo: Hucítec, 1989.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *Cartas Filosóficas e Outros Escritos*. São Paulo. Editorial Grijalbo, 1977.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*. Rumo a uma teoria da transição. Tradução de Paulo César Castanheira; Sérgio Lessa. São Paulo: Editora da Unicamp; Boitempo, 2002.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio*. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

PALUDO, Conceição. *Educação Popular em busca de alternativas: uma leitura do campo democrático e popular*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SENNETT, Richard. *A cultura do Novo Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOF – SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. *Caderno de Textos*. São Paulo. SOF e REMTE, 2005.

Recebido em: 18/3/2011

Aceito em: 23/5/2011